

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIA ASSUNCION TRAVISANI



**ESPAÇO NEGADO: INIQUIDADE DE GÊNERO NA CARREIRA DE
ASTRONOMIA NO BRASIL.**

ITAJAÍ
2016

MARIA ASSUNCION TRAVISANI

**ESPAÇO NEGADO: INIQUIDADE DE GÊNERO NA CARREIRA
DE ASTRONOMIA NO BRASIL.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós- Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Dra Nadia Teresinha
Covolan

ITAJAÍ
2016

ESPAÇO NEGADO: INIQUIDADE DE GÊNERO NA CARREIRA DE ASTRONOMIA NO BRASIL.

Maria Assuncion Trivisani¹; Nadia Teresinha Covolan²

¹ Graduada em Psicologia pela PUCPR Pós Graduada em Educação Infantil Séries Iniciais e Gestão Escolar. Professora aposentada da Rede Estadual de Santa Catarina e Assistente Técnico Pedagógico na Rede Pública Estadual de SC. E-mail: mariaat2@gmail.com.

² Doutora em Ciências Humanas (UFSC) Pós Doutora em Tecnologia (UTFPR) Docente UFPR Litoral. E-mail: nadiathe@gmail.com.

Resumo: O presente artigo pretende visibilizar os preconceitos e assédios sofridos pelas mulheres na carreira científica de Astronomia no Brasil, através da análise dos resultados de um levantamento realizado por profissionais dessa área com a intenção de estabelecer um panorama da qualidade do ambiente de trabalho. Com o resultado do levantamento, pode-se confirmar que aquelas mulheres que rompem a barreira do acesso à carreira científica deparam-se com a barreira do assédio, dos maus tratamentos e da segregação. O ambiente acadêmico se mostrou especialmente desfavorável para as mulheres, pois são elas as principais vítimas de assédio moral e sexual que prejudica carreiras, afeta a saúde e o bem estar. Não contando com meios eficazes de denúncia, essas mulheres são ainda vítimas do descaso das instituições a que estão vinculadas.

Palavras-chave: Astronomia, assédio, gênero

Abstract: This article aims to cast light on prejudice and harassment suffered by women in the scientific career of Astronomy in Brazil through the analysis of, the results of a survey carried out by professionals in this area with the intention to establish a picture of the quality of the working environment. With the result of the survey, it can be confirmed that those women who break the barrier of access to a scientific career are faced with the barrier of harassment, ill treatment and segregation. The academic environment proved particularly unfavorable to women because they are the main victims of moral and sexual harassment that harms careers, affects their health and well-being. Not being able to count on effective means to report harassment cases, these women are still victims of neglect of the institutions to which they are linked.

INTRODUÇÃO

“O homem pisou na lua”. Quantas vezes já ouvimos essa frase? É bem verdade que realmente foi Neil Armstrong o autor desse prodígio. Porém essa

afirmação é deveras significativa do ponto de vista das relações de gênero. Até há bem pouco tempo, as mulheres foram proibidas de muitas coisas, dentre elas a de participar no campo científico. Atualmente, principalmente no Ocidente não há mais esse tipo de censura, mas mesmo assim, em algumas áreas da ciência consideradas essencialmente masculinas, elas são pouco representativas. Por que isso acontece?

Saboya (2013) sugere que a sub-representação das mulheres em algumas áreas seria “gerada pelo pressuposto de que as mulheres fossem incapazes para competir em carreiras desses campos, faltando-lhes habilidades e talentos necessários ao fazer científico”, e também cita Christine Williams (1995), que usa a metáfora do “teto de vidro” para se referir a “uma barreira invisível que age de forma a impedir o crescimento profissional ou acadêmico das mulheres e sua ascensão no mercado de trabalho”.

As dificuldades de integrar trabalho com família e filhos, uma vez que essas responsabilidades recaem preferencialmente sobre as mulheres, também podem ser vistas como um entrave ao desenvolvimento feminino no campo profissional e científico. Essas e outras barreiras podem ser consideradas razões para optarem menos por carreiras científicas consideradas masculinas.

A inserção das mulheres no universo científico com maior representação remonta a década de 1970. Apesar da insistência, ainda vemos o desprestígio que estas sofrem nesse universo. Desprestígio para não falar de violência simbólica a que a maioria delas está submetida.

No campo da Astronomia no Brasil, espaço desta pesquisa, por exemplo, podemos verificar que há um número maior de homens do que de mulheres astrônomas como se pode comprovar pelo número de membros pertencentes a Sociedade Astronômica Brasileira (SAB): masculinos (72%) e femininos (28%).¹

Sueli Viegas, astrônoma brasileira (IAG/USP), aponta em seu artigo publicado no volume II do livro História da Astronomia no Brasil que “entre as possíveis causas do baixo número de mulheres sobressai a influência, em todos os níveis, do estereótipo da mulher associado ao patriarcado”. (Viegas, 2014).

Dados da Sociedade Astronômica Americana, diz Schiebinger, apontam que, em 1991, 40% de seus membros mulheres sentiam ter sofrido ou

¹ Fonte: <<https://goo.gl/qrss0p>>

testemunhado discriminação. Ainda de acordo com a mesma autora, “Mais comum que assédio direto é a dieta constante de pequenas ofensas e insinuações que algumas mulheres suportam”. (Schiebinger, 2001).

Recentemente, membros da SAB desenvolveram um projeto de Levantamento do Ambiente Científico da Astronomia (LACAN), divulgando um questionário a ser respondido voluntariamente pelos associados. Os resultados obtidos através deste questionário serão a base para nossa reflexão. Tornar visíveis essas questões, compreendê-las, debatê-las é indispensável na luta pela equidade de gênero. Só assim construiremos a possibilidade de que as diferenças entre os sexos possam ser manifestadas sem discriminação, em condição de igualdade e que homens e mulheres sejam igualmente valorizados e tenham as mesmas chances, oportunidades e reconhecimento no campo da ciência.

Os objetivos deste artigo são visibilizar os preconceitos e assédios sofridos pelas mulheres na carreira científica de Astronomia, divulgando de forma resumida os resultados do questionário desenvolvido por profissionais de Astronomia, com vista a provocar reflexões que produzam relações mais equânimes na comunidade científica.

METODOLOGIA

Este trabalho dará visibilidade às questões de gênero na carreira de Astronomia, especialmente discutindo sexismo e assédio moral e sexual. Para tanto, parte-se das seguintes fontes: a) resultados do questionário elaborado por uma equipe de astrônoma (o) s associada (o) s da SAB (Sociedade Astronômica Brasileira) disponíveis no site <http://lacanastro.wix.com/lacan2015>; b) depoimentos de cientistas, astrônomas e estudantes brasileiras ligadas à área.

O referido questionário foi elaborado, utilizando a ferramenta Google Forms e foi divulgado utilizando-se os meios de comunicação internos da comunidade, como listas de emails dentre outros. Foi respondido de forma voluntária por 133 pessoas. Para a elaboração dos resultados, foram utilizadas técnicas estatísticas, como obtenção de médias e histogramas a fim de identificar padrões de respostas.

Propomo-nos a compreender como as/os estudantes e profissionais da Astronomia, representam esse universo e as relações de gênero que nele estão imbricadas.

O projeto LACAN foi uma pesquisa desenvolvida através de uma entrevista semiestruturada, sendo conduzida em 2015 por cinco membros da SAB e dirigida a astrônomos e astrônomas de todos os níveis da carreira, tendo sido encaminhado um questionário com 30 perguntas a serem respondidas voluntariamente.

Se por um lado os números nos dão ciência, explicitam a realidade, por outro lado sem os depoimentos, sem o contato com as falas que deem significado a esses dados, estes se tornam vazios, frios, já que existem questões que não podem ser quantificadas. Minayo (1995, p.21-22) fala que:

a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Para essa reflexão, cotejam-se os dados da pesquisa da SAB, que associou entrevistas e questionários, com teorias pertinentes ao tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ideia de que as mulheres não contribuíram para o desenvolvimento da ciência ao longo da história é falso e enganoso. Schiebinger, em seu livro “O feminismo mudou a ciência” contribui para desfazer esse engano. A possibilidade de as mulheres terem acesso ao trabalho científico antes da formalização rigorosa da ciência no século XIX é uma realidade. Oficinas artesanais tiveram grande importância para o desenvolvimento da ciência moderna e serviram como um meio de acesso à ciência para as mulheres do século XVIII. A organização artesanal da astronomia permitiu que mulheres, como a astrônoma alemã Maria Margaretha Winkelmann (1670-1720) se destacasse neste campo. Ensinadas por seus pais, irmãos ou maridos, as mulheres desse período quase sempre trabalhavam em observatórios de família, muitas vezes alojados no último andar de suas residências.

No século XIX as instituições científicas - universidades, academias e indústrias – começaram a ser estruturadas fechando às mulheres o acesso informal à ciência, sendo estas sistematicamente excluídas e impedidas de participar das instituições formais. Somente após o movimento das mulheres das décadas de 1870 e 1880 estas começaram a ingressar em carreiras modernas na ciência.

Conforme nos relata Schiebinger,

Em 1991, a American Astronomical Society [Sociedade Astronômica Americana] descobriu que 40 por cento de seus membros mulheres sentiam ter sofrido ou testemunhado discriminação, enquanto apenas 12.4 por cento dos homens entrevistados disseram ter alguma vez testemunhado alguma forma de discriminação contra mulheres-astrônomas. Num segundo levantamento, 39 por cento das mulheres membros da sociedade relataram terem sido levadas menos a sério que seus colegas homens. (SCHIEBINGER, 2001-p.109)

Não se trata apenas de não serem levadas a sério. Esse universo normalmente é cercado por relações nada saudáveis, tampouco aceitáveis. Trata-se dos casos de assédio moral e sexual questões que serão analisadas nesse trabalho. Para Heloani:

[...]O assédio moral caracteriza-se pela intencionalidade; consiste na constante e deliberada desqualificação da vítima, seguida de sua consequente fragilização, com o intuito de neutralizá-la em termos de poder. Ou seja, a perversidade [...] acaba por desconsiderar o outro, em um verdadeiro extermínio psíquico, calculado e covarde, em relação à pessoa a quem, no íntimo, o agressor inveja. (HELOANI, 2004-p.5)

O Artigo 216-A do Código Penal Brasileiro incluso a partir da Lei 10.224 de 15 de maio de 2001 define assédio sexual como conduta ou ato de:

Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função.

Na prática o assédio sexual inclui comportamentos indesejados de tipo físico, verbal ou não verbal. No guia de combate ao assédio sexual no trabalho a Comissão Européia atesta que

Um comportamento verbal de natureza sexual inclui, por exemplo, [...] observações sugestivas, insinuações ou comentários lascivos. Tal comportamento considera a mulher como objeto sexual e não como colega de trabalho.

Os resultados do questionário² aqui apresentados nos mostram que, na comunidade astronômica brasileira, sofrer assédio moral parece ser bastante comum uma vez que 76% das mulheres e 64% dos homens que responderam ao questionário referiram haver sofrido assédio moral. Além disso, os resultados revelam que em média, é 12% mais provável que uma mulher seja vítima desse tipo de assédio do que um homem.

Quanto ao assédio sexual, em média, é 30% mais provável que uma mulher na carreira de Astronomia seja vítima do que um homem, uma vez que 36% das mulheres e 8% dos homens declararam haver sido vítimas desse tipo de abuso.

É visível a diferença de percepção (avaliação) de homens e mulheres do ambiente de trabalho na carreira de Astronomia, como nos mostra a Figura 1. Esse ambiente é percebido de maneira mais negativa pelas mulheres, sendo que 21% delas e 14% dos homens o avaliam com notas inferiores a seis.

28. Como você classifica a qualidade do seu ambiente de trabalho à luz dos temas discutidos no presente questionário?

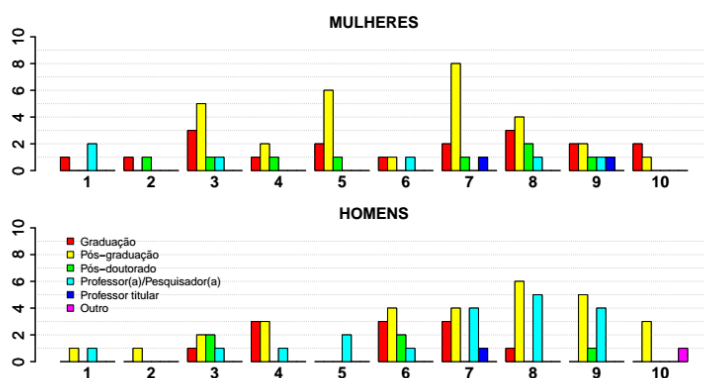


Figura 1. Histogramas revelando as notas atribuídas ao ambiente de trabalho conforme a percepção feminina (painel superior) e masculina (painel inferior). As contagens estão separadas por fase da carreira, sendo cada fase indicada por uma cor diferente.

Através da Figura 2 percebe-se a diferença entre homens e mulheres no número de vezes que escutam comentários preconceituosos no trabalho. Comentários homofóbicos são ouvidos por 9 mulheres e por apenas 1 homem diariamente. Já os Comentários sexistas são ouvidos diariamente por 12 mulheres e por 3 homens. Com relação a críticas por comportamento “pouco

² Disponíveis em: <http://lacanastro.wix.com/lacan2015>.

adequado ao seu gênero” a proporção é de 5 mulheres para 1 homem que as escutam diariamente.

5. Com que frequência você escuta os seguintes tipos de linguagem em seu ambiente de trabalho? (a) Diariamente; (b) Ao menos uma vez por semana; (c) ao menos uma vez por mês; (d) Raramente; (e) Nunca; (f) Não sei dizer.

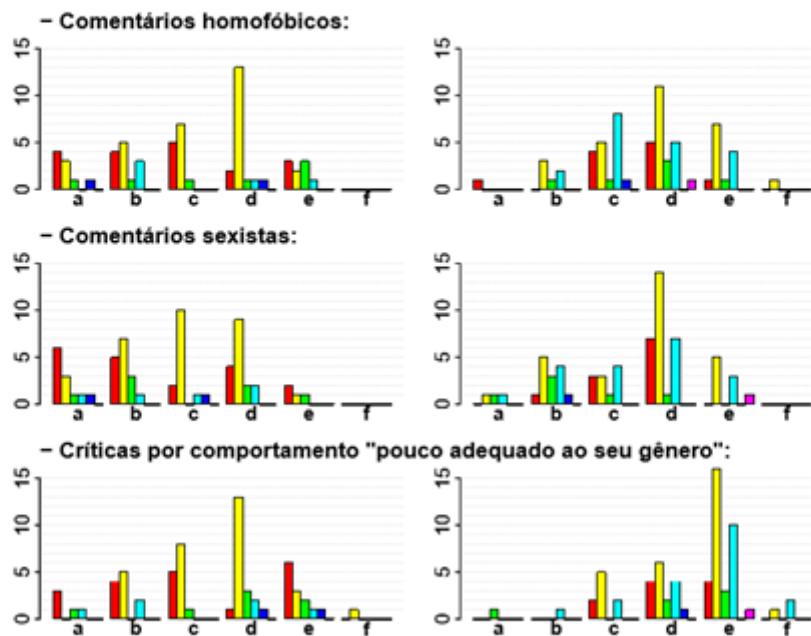


Figura 2. Linguagem no ambiente de trabalho.

Assumindo que homens e mulheres dividem o mesmo espaço no ambiente de trabalho, como é possível as mulheres ouvirem muito mais os comentários inadequados do que os homens? Uma possibilidade é que eles achem tudo normal e engraçado, não classificando os comentários como homofóbicos/sexistas/etc. Talvez até porque raramente a classe "homem" é o alvo dos comentários. A maior vulnerabilidade das mulheres pode levá-las a simpatizar com outras minorias/classes oprimidas, justificando a diferença de percepção. E isso reforça a ideia de que talvez, se mais mulheres ocupassem posições de chefia, dada a percepção diferente, o problema tenderia a ser menos ignorado.

Dados da Figura 3 corroboram a ideia de que os homens se sensibilizam menos com essas questões, pois nove homens e apenas uma mulher admitem

ter presenciado casos de assédio e não haverem denunciado por considerarem o ocorrido irrelevante.

24. Se você já presenciou algum tipo de assédio sofrido por terceiros, mas não denunciou, marque abaixo as opções que melhor explicam a sua escolha.

- (a) Porque não considerei o ocorrido relevante;
- (b) Porque achei que nada seria feito;
- (c) Porque desconheço o procedimento de denúncia;
- (d) Porque não há procedimento de denúncia na minha instituição/departamento/Universidade;
- (e) Porque não confio no procedimento de denúncia na minha instituição/departamento/Universidade;
- (f) Porque não me senti confortável em participar do processo de denúncia;
- (g) Porque achei que colocaria em risco a minha carreira;
- (h) Porque colocaria meu bem-estar (físico e/ou psicológico) em risco;
- (i) Porque senti medo do ofensor;
- (j) Outro.

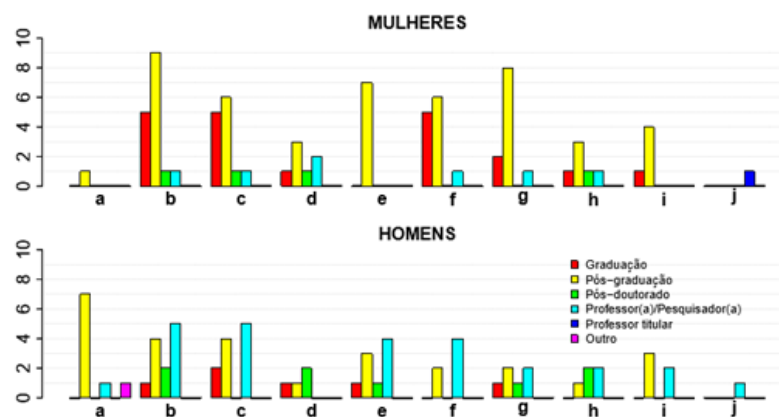


Figura 3. Porque não denunciou o assédio presenciado.

A evidência da falta de meios eficazes de denúncias em caso de assédio pode ser percebida pela Figura 4, que mostra que apenas duas pessoas disseram conhecer e confiar nos meios de denúncia, sendo que ambos são homens. Nenhuma mulher sabe/confia nos meios de denúncia.

21. Se existem, você considera os meio oficiais para denúncia de assédios eficientes e confiáveis?

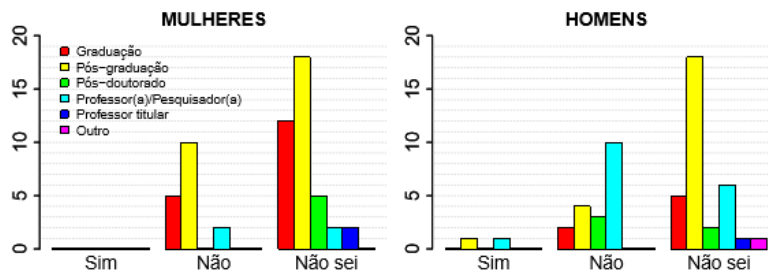


Figura 4. Confiança nos meios oficiais de denúncia.

Ainda sobre as denúncias, as entrevistadas reportam o descaso das instituições, uma vez que já se convencionou como normal, aceitável esse tipo de relação. De alguma forma isso as desencoraja a levar os casos adiante, seja por esse motivo, seja pela dificuldade de reunir provas. A seguir alguns relatos que dão conta de como essas mulheres se sentiram e ou/reagiram diante da violência:

"(...) O programa de pós sabia do ocorrido com outras alunas, inclusive por meio de denúncias, mas nunca havia tomado nenhuma providência". Aluna de mestrado, vítima de assédio sexual.³

"Busquei ajuda com o coordenador do curso, reitoria, outros professores (...) me diziam que isso era comum nele, já havia feito isso várias vezes e o jeito era eu aguentar e terminar a disciplina." Aluna de graduação, vítima de assédio moral.⁴

"Desde o começo [...] meu supervisor fica reparando na cor do meu esmalte, meus brincos, minhas roupas, se eu engordei/emagreci, e sempre faz comentários sobre essas coisas. Como eu o considerava um amigo pessoal (eu já o conhecia antes [...]), eu sempre levei na brincadeira. Porém, as coisas começaram a ir muito longe quando ele me falou que não conseguia prestar atenção no meu trabalho por que quando estava em volta de mim, ele ficava pensando em sexo (logo depois de me contar que teve um sonho erótico comigo). E ele realmente não presta atenção no meu trabalho, não faz esforço para entender os resultados que eu obtenho e simplesmente ignora uma grande parte deles. E, de todas as pessoas com quem eu trabalhei, ele é o único com o qual eu tenho problemas. Na época em que ele me falou isso, eu tentei conversar com ele falando que isso era um pouco demais, mas ele enlouqueceu, me cortou de alguns projetos, ameaçou cancelar minha bolsa e ficou um mês sem sequer me cumprimentar. Eu tentei conversar com o chefe do departamento, mas o máximo que ele fez foi sugerir que eu mudasse de sala (o que eu fiz) e tentasse ignorar o mau comportamento do meu supervisor. No final das contas, eu acabei optando por relevar o ocorrido, pois além de não acreditar que algo realmente seria feito, eu ainda estava passando por uma situação de saúde bem delicada. Várias outras coisas aconteceram desde então, e os episódios mais recentes incluem ele me excluir das reuniões de grupo e ficar me difamando para as pessoas e colaboradores (eu fiquei sabendo disso através de algumas pessoas). Ele anda espalhando que é impossível trabalhar comigo porque "eu levo tudo para o lado pessoal", e eu sinto que isso me prejudicou com alguns colaboradores (especialmente aqueles que nunca trabalharam diretamente comigo). Ele está há meses sem conversar direito comigo, e eu acabei ficando isolada..." Pós doutoranda.⁵

Os depoimentos acima corroboram os dados do questionário. E dão voz aos frios números, provocando uma grande possibilidade de sentimentos, já que essas mulheres estão sendo vitimadas nessa relação hierárquica de poder.

³ Publicado em <<https://goo.gl/qrss0p>>

⁴ Idem

⁵ Depoimento cedido pela própria depoente a Maria Assuncion Travisani e parcialmente publicado em <<https://goo.gl/qrss0p>>

Nesse jogo de braço, fatalmente a vítima está em condição desfavorável, pois uma denúncia pode colocar em risco uma carreira, ou ainda sua reputação, já que no imaginário social o homem está na condição de predador que lhe foi relegada historicamente pela cultura. Joan Scott chama atenção para o aspecto relacional das relações de gênero. Nesse caso, relações de poder assimétricas e desproporcionais sempre a serviço do mais forte, no caso o masculino. (SCOTT, 1995.)

Percebe-se nas entrevistadas a impotência que marca suas falas. Impotência diante do agressor, e diante da instituição que não raro, julga a conduta da vítima e não de quem a provoca, fazendo com que estas recorram ao afastamento, ao silenciamento, a culpa, ao sofrimento. Sofrimento este que muitas vezes se transforma em doença, como é possível ser verificado no manual intitulado Assédio Moral e Sexual no trabalho: prevenção e enfrentamento na Fiocruz. (FIOCRUZ p. 18)

Em que medida as relações de gênero afetam as questões comportamentais e de saúde das estudantes e profissionais de Astronomia? Os dados expostos na Tabela 1, extraídos da Questão 19, nos mostram que o estresse sofrido pelas vítimas de assédio, pode alterar planos, afetar desempenhos e causar depressão e doenças psicossomáticas entre outras conseqüências, principalmente nas mulheres.

Devido a condições de estresse causadas pela situação de assédio:	Total*	Mulheres	Homens
Desisti de cursos, mudei meus planos acadêmicos, etc;	16	11 (69%)	5 (31%)
Tive meu desempenho escolar e/ou profissional afetado;	39	23 (59%)	16 (41%)
Causou estresse psicológico, quadro depressivo e/ou desejo de me isolar;	42	26 (62%)	16 (38%)
Causou danos à minha saúde e surgimento de doenças psicossomáticas;	19	16 (84%)	3 (16%)

*Total de respostas positivas dentre os 133 voluntários que responderam ao questionário.

Tabela 1. Conseqüências do estresse causado pelas situações de assédio.

Guimarães e Rimoli, são enfáticos em afirmar:

Pesquisas desenvolvidas com o objetivo de investigar os efeitos do assédio moral sugerem que esta situação reduz a saúde psicológica e física de suas vítimas e afeta negativamente seu bem-estar e a

eficiência de outros trabalhadores, ao mesmo tempo em que instala a negligência, o absenteísmo e um aumento expressivo do pedido de licenças médicas e afastamentos por doenças (GUIMARAES e RIMOLI, 2006, p. 188).

As consequências do sexismo e do assédio são as mais cruéis possíveis, pois que além de vitimar essas mulheres, essa violência apresenta consequências negativas para o ambiente de trabalho, gerando perdas seja do ponto de vista da saúde, seja do ponto de vista da produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que as mulheres conseguiram conquistas no meio acadêmico, não resta a menor dúvida. Já não era sem tempo. A grande tarefa a ser realizada agora é identificar as razões de ainda se manterem esses discursos construídos historicamente e problematizá-los adequadamente a fim de promover mudanças direcionadas à eliminação do assédio no meio acadêmico.

Os resultados obtidos através do Projeto LACAN são uma contribuição importante na luta por igualdade de gênero, pois além de traçar um perfil detalhado do ambiente da área de Astronomia quanto aos casos de assédio moral e sexual, os resultados também agregam força à afirmação que aquelas mulheres que rompem a barreira do acesso à carreira acadêmica deparam-se com a barreira do assédio, dos maus tratamentos, da segregação. O universo acadêmico especialmente no que diz respeito às ciências exatas ainda é muito machista e não é de se estranhar que as mulheres se sintam vítimas desse sexismo.

Os estudos acerca da Astronomia, sempre estiveram distantes, quase inatingíveis aos “reles mortais”, porém os problemas de gênero que a envolvem, são ironicamente tão comuns, tão próximos da realidade cotidiana de qualquer mulher vítima dessa cultura do machismo, do sexismo, do androcentrismo.

As reflexões acerca das questões de gênero que envolvem a Astronomia no Brasil não se encerram aqui. São apenas provocações para que se problematizem essas questões que corroboram discursos antiquados que historicamente mantém as mulheres distantes destas esferas de saber.

O que se observa é que não importa se a mulher é analfabeta ou conseguiu chegar ao mais alto escalão na academia, ela continua mulher e, portanto sujeita a ser vítima de uma cultura que desconsidera sua competência. Não há como conceber que a humanidade consiga compreender fenômenos espaciais tão complexos e não dê conta de resolver suas mazelas no campo das relações.

Ou mudamos a cultura ou por muito tempo ainda os homens continuarão pisando na lua...pelo menos na acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a minha filha Marina Trevisan, ao meu filho Júlio Trevisan e a minha amiga Onice Sansonowicz. Sem as valiosas contribuições de vocês este trabalho não teria sido realizado.

REFERÊNCIAS

Comissão Europeia. Como Combater o Assédio Sexual no Trabalho: guia de aplicação do código de conduta da Comissão Europeia. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias, 1994. Disponível em: <bookshop.europa.eu>. Acesso em 19/11/2015.

GUIMARÃES, L. A. M.; RIMOLI A. O. "Mobbing" (assédio psicológico) no trabalho: uma síndrome psicossocial multidimensional. *Psic. Teor. e Pesq.*, v. 22, n. 2, ago. 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br>> Acesso em 15/11/2015.

HELOANI, R. Assédio moral – um ensaio sobre a expropriação da dignidade no trabalho – RAE-eletrônica, revista *online* da FGV-EAESP v.3, n. 1, Art. 10, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://rae.fgv.br>> Acesso em 15/11/2015.

MINAYO, M. C. de S. O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo, Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1995.

Ministério da Saúde. Assédio moral e sexual no trabalho: prevenção e enfrentamento na Fiocruz. FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2014. Disponível em: <<http://www.asfoc.fiocruz.br>>. Acesso em: 19/11/ 2015.

Projeto L.ACAN. Disponível em: <<http://lacanastro.wix.com/lacan2015>>. Acesso em 30/09/2015.

Saboya, M. C. L. Relações De Gênero, Ciência E Tecnologia: Uma Revisão Da Bibliografia Nacional E Internacional - Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2179-9636, Ano 3, número 12, Nov. 2013. Disponível em: <<http://www.faceq.edu.br>>. Acesso em 01/10/2015.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-79 Disponível em <<http://www.asfoc.fiocruz.br>>. Acesso em 20/11/2015.

SCHIEBINGER, L. O feminismo mudou a ciência? Bauru, SP: EDUSC, 2001.

VIEGAS, S. M. M. A Astronomia brasileira no feminino In: MATSUURA, O. T. (Org.) História da Astronomia no Brasil - Volume II - MAST/MCTI, Cepe Editora e Secretaria de Ciência e Tecnologia de Pernambuco | Recife, 2014.